

## **Eixo Temático: Comunidades e Povos Tradicionais: territorialidade e Educação**

### **EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA EM TERRITÓRIO INDÍGENA: o método (auto)biográfico na formação da identidade docente**

Raquel Soares de Farias<sup>1</sup>  
Luiz Eugênio Pereira Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** As experiências vividas em nossa trajetória pessoal e profissional influenciam diretamente na maneira como vamos construindo a nossa identidade docente, no entanto, muitas vezes a tomada de consciência deste processo apenas acontece quando há a reflexão destas experiências o que acaba corroborando na formação. Neste sentido este artigo busca apresentar reflexões sobre a possibilidade de consolidação da identidade docente a partir dos fundamentos do método (auto)biográfico e a sua relevância para a compreensão do processo formativo de professores que atuam em escolas indígenas. Para isso nossa fundamentação teórica se apoiou em autores como Abraão (2003), Bolívar (2002) e Passeggi (2011) que destacam as perspectivas e possibilidades deste método e o trouxeram para o campo educacional. Também apresento minha narrativa sobre a experiência que tive como professora em uma escola situada no território indígena Potiguara do Litoral Norte paraibano. A metodologia apoiou-se na análise qualitativa e na pesquisa bibliográfica. Ao longo da revisão, e do exercício em escrever sobre si, lembrando as experiências da minha prática docente em uma escola tão singular, como são as que atendem alunos indígenas, ficou evidente que o método (auto)biográfico não apenas enriquece a análise das práticas pedagógicas, mas também proporciona um espaço para que os professores reflitam sobre suas trajetórias, identidades e as interações culturais que permeiam seu trabalho resultando em mudanças de atitude no que se refere ao seu fazer docente contribuindo para uma educação que seja verdadeiramente transformadora.

**Palavras-chave:** Identidade docente. Escolas indígenas. Método (auto)biográfico

**Resumen:** Las experiencias vividas en nuestra trayectoria personal y profesional influyen directamente en la manera en que construimos nuestra identidad docente; sin embargo, muchas veces la toma de conciencia de este proceso ocurre solo cuando reflexionamos sobre estas experiencias, lo que enriquece nuestra formación. En este sentido, este artículo busca presentar reflexiones sobre la posibilidad de consolidar la identidad docente a partir de los fundamentos del método (auto)biográfico y su relevancia para comprender el proceso formativo de los profesores que trabajan en escuelas indígenas. Para ello, nuestra fundamentación teórica se apoya en autores como Abraão (2003), Bolívar (2002) y Passeggi

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. Paraíba. Brasil. E-mail: [raquelsfarias@hotmail.com](mailto:raquelsfarias@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. Paraíba. Brasil. E-mail: [luiz.eugenio@professor.ufcg.edu.br](mailto:luiz.eugenio@professor.ufcg.edu.br)

(2011), quienes destacan las perspectivas y posibilidades de este método y han llevado el enfoque al campo educativo. También presento mi narrativa sobre la experiencia que viví como profesora en una escuela situada en el territorio indígena Potiguara en el litoral norte de Paraíba. La metodología se basó en el análisis cualitativo y la investigación bibliográfica. A lo largo de la revisión y del ejercicio de escribir sobre uno mismo, recordando las experiencias de mi práctica docente en una escuela tan singular como las que atienden a estudiantes indígenas, quedó evidente que el método (auto)biográfico no solo enriquece el análisis de las prácticas pedagógicas, sino que también proporciona un espacio para que los profesores reflexionen sobre sus trayectorias, identidades y las interacciones culturales que impregnan su trabajo, resultando en cambios de actitud en su quehacer docente y contribuyendo a una educación verdaderamente transformadora.

**Palabras clave:** Identidad docente. Escuelas indígenas. Método (auto)biográfico.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação escolar indígena no Brasil representa um campo complexo e desafiador, marcado por um histórico de desigualdades, exclusão e imposição de culturas. Ao longo dos séculos, os povos indígenas foram submetidos a processos de aculturação e desvalorização de seus conhecimentos tradicionais. A partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação escolar indígena passou a ser reconhecida como direito fundamental, garantindo a estes povos o direito à educação diferenciada, intercultural, bilíngue e comunitária (Brasil, 1996).

Após a conquista destes direitos legais que asseguram a educação escolar indígena, o estado da Paraíba testemunhou a gradual implementação de escolas específicas para estes povos. A primeira escola foi estabelecida em 2003, fruto de intensas reivindicações e mobilizações comunitárias. Atualmente, a 14ª Gerência Regional de Ensino registra 12 escolas indígenas distribuídas em três municípios: Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, todos localizados na Terra Indígena Potiguara.

No entanto, apesar dos avanços legislativos e estruturais, a educação escolar indígena ainda enfrenta diversos desafios, dentre eles a necessidade de formação de professores qualificados para atuar diante de uma realidade marcada pela resistência e luta pela afirmação étnica, cultural e territorial. Assim, a partir desse panorama e da minha experiência como professora de Geografia em uma escola situada no Território Indígena Potiguara, despertou-se em mim o interesse em compreender como os professores que atuam nas escolas indígenas se formam e constroem sua identidade docente.

Nesse sentido, passei a refletir sobre como as vivências formativas influenciaram/influenciam na construção identitária desses docentes? E como essa identidade forjada também no contexto do ensino Potiguara afeta as práticas em sala de aula? Os professores receberam/recebem uma formação inicial e continuada que os preparem para atender as expectativas da realidade das escolas indígenas?

A partir dessas questões, ganha relevo a compreensão sobre os processos formativos dos professores que atuam nas escolas indígenas, considerando suas experiências e trajetórias de vida. Ao ouvir aqueles que vivenciam diariamente os desafios e as especificidades dessas escolas, podemos enriquecer significativamente as propostas de formação, tornando-as mais adequadas às suas reais necessidades.

Assim, o método (auto)biográfico se revela uma ferramenta valiosa, não apenas como técnica de coleta de dados, mas também como um poderoso instrumento de autoconhecimento e desenvolvimento profissional. Nesta perspectiva, o objetivo desse texto é apresentar reflexões sobre a possibilidade de consolidação da identidade docente a partir dos fundamentos do método (auto)biográfico e a sua relevância para a compreensão do processo formativo de professores que atuam nas escolas indígenas.

A metodologia adotada se apoiou na abordagem qualitativa, que de acordo com Merriam (1998), compreende a obtenção de dados descritivos na perspectiva da investigação crítica ou interpretativa e estuda as relações humanas nos mais diversos âmbitos, assim como a complexidade de um determinado fenômeno, a fim de esclarecê-lo e traduzi-lo. A coleta de dados neste primeiro momento foi através da pesquisa bibliográfica que segundo Gil (2002) é desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Arelada as discussões bibliográficas trago a narrativa sobre minha experiência docente em uma escola situada no Território Potiguara, embasada pelo método (auto)biográfico, que de acordo com Abrahão e Passeggi, (2012) tem grande potencial de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois proporciona uma grande interação entre os contextos e evidencia a maneira pela qual cada pessoa mobiliza seus conhecimentos e valores para formar a sua identidade e conseqüentemente na sua atuação profissional.

Para tanto, esse texto está organizado em duas partes, além desta introdução. Inicialmente, no próximo item apresento reflexões iniciais sobre o método (auto)biográfico apoiada nas ideias levantadas por Abrahão (2003, 2012), Passegi (2012), Bolívar (2002), dentre outros pesquisadores que trouxeram o método de investigação para o campo

educacional. Após isso, narro algumas das minhas experiências na escola em território indígena que me fizeram refletir sobre a relação tríplice entre a construção de minha identidade como professora, a formação docente e a minha prática naquela escola. Finalizo o texto com indicações de caminhos a serem percorridos em pesquisa com docentes que atuam em escolas de territórios indígenas na Paraíba.

## **2 A RELEVÂNCIA DO MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL: REFLEXÕES INICIAIS**

A construção da identidade docente vai além da formação acadêmica e do exercício profissional; ela se forma ao longo dos itinerários de vida que atravessam contextos variados, além dos espaços institucionais e influenciam profundamente nossa prática pedagógica. Assim, pensar a formação de professores exige considerar esses aspectos, pois nossa singularidade imprime significados únicos às práticas educativas. Nesse contexto, o método (auto)biográfico se destaca como uma abordagem promissora para compreender as etapas desse processo formativo.

Desde a década de 1980, o método e a pesquisa (auto)biográfica têm ganhado relevância como metodologia nas investigações em educação. Esse movimento surge em meio ao declínio dos grandes paradigmas que historicamente orientaram as ciências humanas e sociais — como o estruturalismo, o marxismo e o behaviorismo — abrindo espaço para a valorização das experiências individuais e das narrativas pessoais (Passeggi, 2011). Esse enfoque oferece uma nova perspectiva, permitindo uma compreensão mais rica e contextualizada dos fenômenos educacionais.

A pesquisa (auto)biográfica, que abrange histórias de vida, biografias, autobiografias e memoriais, caracteriza-se pela utilização de diversas fontes, como narrativas, história oral, fotografias e diários, todas intimamente ligadas à memória. A partir das memórias evocadas pelo narrador, o pesquisador busca reconstruir elementos de análise que possam contribuir para a compreensão de um objeto de estudo específico (Abrahão, 2003). Essa abordagem permite explorar a subjetividade e a singularidade das experiências, enriquecendo a análise e a interpretação dos fenômenos investigados.

Dessa forma, acreditamos que a pesquisa sobre a formação docente e a constituição identitária, bem como os elementos associados aos saberes dos educadores, implica uma reflexão sobre o eu e as maneiras pelas quais o sujeito rememora suas experiências e se conecta consigo mesmo (Catani et al., 2000). Nesse contexto, as narrativas emergem como

uma ferramenta valiosa para compreender como os professores acessam, por meio da memória, experiências que moldam sua prática docente e sua identidade.

Candau, ao abordar essas reservas de informações armazenadas na memória, introduz a discussão sobre metamemória, oferecendo uma definição que enriquece a compreensão do processo de recordação e sua influência na formação do professor.

A metamemória é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao “modo de afiliação de um indivíduo ao seu passado” e igualmente [...] à construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva (Candau, 2011, p. 23).

O acesso as metamemórias é feito com uma intencionalidade atrelada a uma necessidade que pode ser momentânea, dessa maneira a construção/reconstrução da memória muda de acordo com o momento de acesso e sua exteriorização reflete diretamente na construção da identidade que se dá também na relação com outros indivíduos.

Dessa maneira evidenciar/investigar as trajetórias de vida do professor através de suas memórias e narrativas ajudará a entender as atitudes e posições assumidas em sua ação profissional. “Sendo assim, pelas pontas ou pela origem da tessitura, faz importante defender que o(a) professor(a), e principalmente o(a) professor(a) de Geografia, é carregado(a) de vida no momento de suas aulas, visto que estas representam, por diversas vezes, a presentificação do passado” (Costella, 2022, p.59).

Nossa atenção se voltará para as narrativas orais, tendo como foco as histórias de vida, onde o sujeito é colocado no centro do processo de investigação e permite que o narrador, nesse caso o professor, se perceba como sujeito de sua história. Bueno (2002, p. 24-25), ao abordar sobre o método autobiográfico se embasando nas ideias de Goodson, diz que:

[...] dar voz aos professores é uma forma de assegurar que os docentes sejam ouvidos, e uma contra-cultura é produzida à medida que essa voz pode se constituir em um mecanismo que atue contra o poder institucionalizado. Trata-se, em outras palavras, do direito dos professores de falarem e de serem representados por si mesmos (Bueno, 2002, p. 24-25).

Percebemos, então, a relevância que as narrativas (auto)biográficas desempenham nesta construção e quando direcionamos a lente para os docentes que atuam nas escolas indígenas que institucionalmente e culturalmente apresentam realidade peculiares a

necessidade de ouvir estes professores se torna mais urgente. Nesse sentido, a potencialidade do método pode ser aproveitada nas pesquisas da educação como um todo, em especial a de realidade diferenciadas como a dos sujeitos que atuam nas escolas indígenas

## **2.1 Construção da Identidade Docente: Narrativa de Experiência em Território Indígena na Paraíba**

A experiência de lecionar Geografia em uma escola situada em um território indígena revelou-me a complexidade e as inúmeras diversidades dessa realidade escolar, as quais só percebemos ao vivenciá-las. No momento imediato da experiência, muitas vezes não conseguimos dimensionar o impacto que ela exerce em nossa formação e na maneira como passamos a desempenhar nossa profissão. Aos poucos, esses elementos começam a fazer sentido, especialmente quando temos a oportunidade de rememorar nossa trajetória e refletir sobre nossas práticas, potencialidades, dificuldades e as lacunas de nosso fazer docente.

Na busca de um entendimento mais aprofundado de como estas experiências moldam nossa identidade, nos apoiamos em Bolívar (2002), que defende que os estudos (auto)biográficos, por meio de narrativas de vida, possibilitam ao sujeito-narrador tomar consciência de suas experiências e conhecimentos prévios. Esse processo facilita a exploração e a reflexão sobre os eventos do cotidiano, favorecendo um autoconhecimento mais profundo.

Nesse sentido, à luz do método (auto)biográfico, que valoriza a experiência individual e a narrativa pessoal, irei relatar brevemente minha experiência docente no Território Indígena Potiguara da Paraíba. Iniciar um relato sobre si mesma traz inquietações e inseguranças, mas também nos proporciona a conscientização de nossos atos e a partir desta experiência, podemos ressignificar nossas práticas e atitudes. Nesse exercício de refletir sobre as experiências formativas de natureza pessoal e/ou profissional “[...] pode possibilitar assumi-las, controlá-las como práticas do passado que chegaram a constituir-se em hábitos e ao mesmo tempo revelar dimensões que devem ser mudadas” (Bolívar, 2002, p. 178).

Antes de apresentar as memórias das vivências e experiências nesta escola, é preciso contextualizar algumas questões que talvez justifiquem algumas dificuldades e percepções no decorrer desta itinerância. Pois, nossa prática e posicionamento no mundo é marcada por

atravessamentos de gênero, etnia e classe social, mesmo não sendo foco de nossa discussão é relevante destacarmos isso.

Eu sou uma mulher, não indígena e também não resido no território. Minha inserção nessa realidade aconteceu a partir da aprovação em um concurso público para professora de Geografia do município de Marcação-PB em 2009. Assim, aprovada e empossada, iniciei minha trajetória docente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Emília Gomes da Silva, inicialmente sem compreender plenamente as particularidades da instituição. A mais expressiva dessas particularidades era que a maioria dos alunos matriculados eram de origem indígena, oriundos de várias aldeias do município.

Meu conhecimento também era superficial em relação as especificidades da educação escolar indígena que de acordo com Silva (2020, p. 38) “[...] refere-se à escola apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais[...]” e que tem como objetivo “[...]reconstituir as marcas étnico-raciais, aquelas que são capazes de fortalecer cada vez mais a identidade do grupo, de forma a se diferenciar de outros tantos espalhados no território brasileiro” (Nascimento et. al.,2017, p. 83).

Na vivência escolar, fui compreendendo essas especificidades, mas sentia falta de direcionamentos e formações que abordassem essas questões. Atualmente, observa-se uma frequência maior de iniciativas voltadas ao fortalecimento da educação escolar indígena, promovidas por universidades e pelas secretarias de educação municipais e estaduais. Essas ações ajudam a reduzir a disparidade na formação dos professores que atuam nas escolas indígenas, como apontado por Silva (2020) em sua pesquisa. Alguns professores possuem formação específica, como a licenciatura indígena oferecida pelo Programa de Formação Superior e Licenciatura para Indígenas (PROLIND); no entanto, esse curso é acessível apenas para professores comprovadamente indígenas, que atuam em escolas situadas em territórios indígenas.

Na sala de aula muitas outras sutilezas iam sendo apresentadas e comecei a perceber que, embora a maioria dos alunos compartilhassem a mesma etnia, estes se identificavam de diferentes maneiras com a cultura Potiguara. Nesse processo, vários estereótipos que eu carregava foram sendo desconstruídos, como a ideia equivocada de que todos os indígenas se reafirmam culturalmente da mesma forma.

Essas novas percepções me fizeram compreender o papel e a responsabilidade que aquelas escolas desempenhavam no incentivo, resgate e preservação da identidade e cultura desses povos, sendo o professor figura central nesse processo. “A educação diferenciada ou

educação escolar indígena é uma das bandeiras de luta da etnia Potiguara, pois acreditam que a escola desempenha um papel essencial na formação das novas gerações, sendo o professor uma figura central nesse movimento” (Nascimento et. al.,2017, p. 17).

No entanto, em muitas ocasiões, a falta de conhecimento mais profundo sobre a cultura local e a ausência de uma formação específica, assim como já mencionado anteriormente, para atuar em uma realidade tão particular dificultaram a elaboração de aulas mais significativas para esses alunos, limitando minha contribuição, naquele momento, para o fortalecimento da identidade étnica dos alunos.

Mas, o tempo de experiência foi tornando meu olhar mais sensível para essas questões e por meio da troca de saberes com colegas professores, alunos e a comunidade escolar, fui integrando esses conhecimentos à minha prática e estes elementos foram se amalgamando a maneira que eu fui me tornando professora.

Tornamo-nos professores e professoras tanto pela apropriação e reprodução de concepções já estabelecidas no social e inscritas no saber dominante da escola (permanência), quanto pela elaboração de formas de entendimento de atividades docente nascidas de nossa vivência pessoal com o ensino, nas interações com nossos alunos, e do processo de organização política, com nossos pares, em movimentos reivindicatórios (mudança). Diferentes, no entanto, nos *‘modus de focar.’* (Fontana, 2010, p. 46, grifos da autora).

Gradualmente, consegui incorporar temáticas ligadas às realidades dos alunos, conectando-as com os conteúdos do livro didático. Passei a ouvir mais os alunos, sempre reservando um momento da aula para conversarmos sobre o cotidiano deles. Lembro-me de que alguns possuíam uma percepção crítica notável sobre questões como a luta pela terra, a organização comunitária em busca de direitos e as manifestações culturais.

Ao refletir sobre minha trajetória e o caminho percorrido para compreender essa realidade, reconheço que poderia ter feito mais. Acredito que mudanças significativas exigem transformações em diferentes esferas, incluindo a legislativa. Contudo, tornou-se evidente para mim ainda mais a relevância do professor, pois este interage diariamente com os alunos e sua ação exerce influência direta em suas vidas.

Essa tomada de consciência permite, dentro de nossas possibilidades, em uma atuação mais efetiva capaz de promover mudanças reais e duradouras, contribuindo para um processo de transformação social. Atualmente não trabalho mais nesta escola, no entanto, a experiência memorada aliada ao repertório que vamos adquirindo me instigou a pesquisar

sobre como as trajetórias de vida dos docentes que atuam nas escolas indígenas influenciam a constituição das identidades profissionais, sua formação e conseqüentemente sua atuação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar reflexões sobre a possibilidade de consolidação da identidade docente a partir dos fundamentos do método (auto)biográfico e sua relevância para a compreensão do processo formativo e identitário de professores que atuam em escolas indígenas. Nesse sentido, acreditamos que esta abordagem, ao valorizar a experiência individual e a narrativa pessoal, revela-se como uma ferramenta essencial para compreender as dinâmicas de formação docente em contextos tão específicos como o das escolas indígenas.

Ao longo da revisão, ficou evidente que o método autobiográfico não apenas enriquece a análise das práticas pedagógicas, mas também proporciona um espaço para que os professores reflitam sobre suas trajetórias, identidades e as interações culturais que permeiam seu trabalho. No exercício de lembrar a minha experiência, pude perceber fragilidades de minha atuação, mas também possibilidades de aprendizagem significativas.

Conforme indicado anteriormente, proponho dar continuidade a essa análise por meio de uma pesquisa em estágio inicial, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPB. O foco central dessa investigação são os itinerários de vida dos professores que atuam nas escolas indígenas do Litoral Norte paraibano e como estes percursos influenciam e enriquecem suas construções identitárias, refletindo diretamente em suas práticas docentes.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. In: **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

ABRAHÃO, M. H. M. B.; PASSEGGI, M. C. As narrativas de formação, a teoria do professor reflexivo e a autorregulação da aprendizagem: uma possível aproximação. In: VEIGA SIMÃO, A. M.; FRISON, L. M. B.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas: epistemologia e práticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012, p.53-71.

BOLÍVAR, A. (Org.). **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru: EDUSC, 2002.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação E Pesquisa**, 28(1), 11–30. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100002>. Acesso em 21 de maio de 2023.

CANDAU, J. (1998). **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CATANI, D. B.; BUENO, B.; SOUSA, C. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 111, p. 151-171, dez. 2000.

COSTELLA, R. Z. O resgate de nós mesmos(as) pelas pontas – pelos fios. In: COSTELLA, Roselane Zordan; MENEZES, Victória Sabbado (org.). **Retalhos em trama: entre os fios do narrar, docenciar e geografar**. Porto Alegre, RS: IGEO/UFRGS, 2022.

FONTANA, R. A. **Como nos tornamos professoras?** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MERRIAN, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco, CA: Jossey-Bass, 1998.

NASCIMENTO, J., M.; PALHANO SILVA, P. R.. Educação escolar indígena Potiguara. In: NASCIMENTO, José Mateus (org.). **Etnoeducação potiguara: pedagogia da existência e das tradições**. João Pessoa: Ideia, 2017

PASSEGGI, M. C. Injunção institucional e sedução autobiográfica: as faces autopoietica e avaliativa dos memoriais. In: BARBOSA, T. M. N; PASSEGGI, M. da C. (Org.). **Memorial acadêmico: Gêneros, injunção institucional, sedução autobiográfica**. Natal: EDUFRN, 2011.

SILVA, S. F. **Geografia escolar nas aldeias indígenas Potiguara de Jaraguá e Monte Mór de Rio Tinto-PB**. 2020. 196 f., il. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.